



A Inclusão Através do Jornal Escolar

DECKERT, Cristiele Tomm¹; LINCK, Ieda Márcia Donati².

Resumo

Principal veículo de comunicação impressa no país, o jornal pode trazer subsídios para enriquecer o aprendizado em sala de aula. O seu uso tem como objetivo reconstruir uma concepção de mundo e aguçar o senso crítico no público envolvido, frente às informações recebidas. Para isso, é preciso preparar os alunos para a deficiência ética que a mídia sofre para torná-los críticos. Este é também um meio de divulgar o trabalho realizado na escola, conseguindo elevar a auto-estima do estudante, já que estes se sentem recompensados ao verem seus trabalhos publicados. Através do jornal, pode-se estimular à leitura e à escrita e, desta forma, trabalhar a criatividade, para que o educando construa novas concepções na sala de aula. Isso fará com que ele se sinta responsável por este meio de comunicação dentro da escola.

Palavras – chave: comunicação, ética, inclusão, auto-estima.

Introdução

Há a necessidade urgente de se preparar os alunos, em qualquer modalidade do ensino, para que sejam profissionais sérios e comprometidos com a ética social, agentes formadores de opiniões.

Cientes de que o ser humano que vive desinformado torna-se alienado, incapaz de se perceber sujeito produtivo e responsável pelo seu bem estar e do meio em que vive, ressaltamos neste artigo a importância de um jornal escolar na vida do estudante. Para tanto, o público envolvido precisa ser atraído para atividades prazerosas que elevem sua auto-estima e, lhes dêem a percepção de sujeitos capazes de sonhar com um futuro melhor.

Evidenciando informar, de forma séria e comprometida à população alvo dos fatos e eventos da comunidade escolar, como proposta prática de inclusão, o jornal escolar visa criar um espaço para a mostra dos trabalhos dos alunos, capazes de elevar a auto-estima, e estimular a criatividade dos mesmos.

Trabalho apresentado ao GT Práticas Sociais de Comunicação, no VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul.

¹Acadêmica de Comunicação Social, 5º semestre da habilitação Jornalismo – Unicruz. E-mail: cristieledeckert@hotmail.com

²Professora do Curso de Comunicação Social da UNICRUZ. - e-mail: idlinck@comnet.com.br possui Graduação em Letras Português Inglês, Especialização em Leitura e Produção Textual pela



Universidade de Cruz Alta (1996), e Mestrado Em Ciências da Educação - Universidad Del Norte (2006). Atualmente é professora titular da Universidade de Cruz Alta. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Linguística Textual.

O trabalho desenvolvido tem o objetivo de envolver os alunos, designando responsabilidades, mostrando a importância da notícia, bem como a maneira de publicá-la, os processos e materiais utilizados. Enfim, envolver toda a comunidade escolar, incluindo pais, professores, funcionários e principalmente alunos, a fim de mostrar a importância de um informativo para a mesma.

1. A auto-estima nas crianças

Desde que toma conhecimento sobre sua existência, a criança começa a estabelecer uma imagem de si própria, ou seja, a construir sua auto-estima. Antunes(2002) reitera que a auto-estima, é obvio demais, não se circunscreve a equipamentos neurais, características biológicas ou padrões materiais de que se cerca o crescimento e sim à educação que se ministra. Ressalta ainda que se for encontrada uma pessoa sem auto-estima, necessariamente, terá que se buscar outra ou outras pessoas responsáveis por esse seu estado.

Convém confirmar isso com Antunes, (2002, p.89):

Refere-se a (auto-estima) ao valor que atribuímos a nós mesmos, ao conceito que temos sobre nossas limitações e potencialidades. A baixa-estima é um dos principais problemas médicos, posto que se insinua como o mais importante fator no desenvolvimento de patologias psicológicas e é, sem dúvida, um dos maiores problemas educacionais (...) aluno com baixa-estima não aprende, estudante que não evolui.

Para o mesmo autor, a questão da auto-estima melhora se for enfatizado para as crianças que ninguém é bom em tudo. Cada um faz alguma coisa melhor que os demais. E cada uma deve se aceitar como é, por exemplo, se uma criança não é boa aluna em português, se destacará em matemática.

O conceito de auto-aceitação não se confunde com a busca de aprovação do outro. Aceitar-se é acolher-se, é admitir que se é de uma determinada forma e compreender as conseqüências das características dominantes na relação com o outro (...) Quando aceitamos as nossas características e admitimos a realidade sobre nós mesmos, entendemos que nem sempre nos



comportamos de forma lógica. Mas, escolhido um caminho, lidaremos com suas conseqüências. (SUCESSO, 2004, p.69).

Na escola, desenvolver esse sentimento é conseqüência de uma ação global do professor. Propor trabalhos que leve em consideração o que o aluno sabe, valorizar as informações trazidas de casa e ensinar com base nesses conhecimentos, são caminhos para fazer com que o ensino ganhe sentido. Ao perceber que não é só o professor que detém o saber, o estudante certamente terá sua auto-estima elevada.

Certa vez William Shakespeare disse que: “Depois de algum tempo você aprende que realmente pode suportar, que realmente é forte, que pode ir muito mais longe depois de pensar que não pode mais. E que realmente a vida tem valor e que você tem valor diante da vida!”. Isso porque, quem descobre que aprendeu, não tem como se sentir fracassado.

O escritor Içami Tiba afirma que para a criança se sentir amada incondicionalmente, é necessário, acima de tudo, que seja respeitada. E que a auto-estima é a principal base para encontrar um bom lugar no mundo. Ressalta que:

Se uma criança é aprovada porque os pais contrataram um professor particular, o mérito da aprovação é dos pais. O filho pode até sentir prazer por ter sido aprovado, mas no fundo sabe que o mérito não foi todo seu. Isso diminui sua auto-estima. Quando é aprovado porque ele estudou e se empenhou, sua auto-estima cresce. Ele adquire responsabilidade.(2002, p.57).

Para elevar a auto-estima dos alunos, o professor precisa conhecê-los bem, deve descobrir e estimular as suas potencialidades. As crianças também podem e devem falar, todos têm uma contribuição a dar. Eles sentir-se-ão valorizados ao constatar que foi dada importância às suas palavras. Daí a importância de um jornal à escola, pois nele o aluno poderá expor os trabalhos produzidos em sala de aula.

Porém, devemos ter cuidado na hora de avaliar o educando. Não se deve rotular e nem desestimular ninguém, mas sim valorizar o sucesso, principalmente daquele que tentou, mesmo que acertou somente em parte aquilo que foi solicitado. Outro aspecto importante é o ambiente escolar, o qual deve ser um lugar onde todos aprendam juntos, numa relação dialética de verdades em construção. E por fim, estimular a criatividade e incentivar ao aluno a aprender mais.

Talvez isso fique mais claro em Antunes, (2002, p.91):



Todo professor por ser um construtor de auto-estima de seus alunos, quando os ajuda à estabelecer suas metas e mostra caminhos para cumpri-las, quando sabe valorizá-los bem mais como pessoas que simplesmente como alunos. Alunos erram ou acertam, cumprem ou descumprem e para isso necessitam ser notificados, mas pessoas amam, sofrem, esperam, anseiam, alegram-se, emocionam-se e esses sentimentos necessitam de percepção e condução.

O aluno que tem sua auto-estima elevada acaba desenvolvendo um bom trabalho em sala de aula e, conseqüentemente, tornar-se-á um aluno mais crítico.

2. Ética no jornalismo

Sem dúvida, fatos relevantes são notícias que o povo quer ver, mas nem sempre o que as emissoras de TV, rádios, jornais e revistas divulgam, são necessariamente verdades jornalisticamente éticas e incontestáveis. A função dos meios de comunicação é observar o entorno (seu papel é obter a informação, triá-la, interpretá-la, e em seguida fazê-la circular). A comunicação social deve fornecer a imagem ao mundo, transmitir cultura e contribuir para a felicidade da sociedade.

Para Prete, (1999, p. 191):

Não basta contar boas histórias. Nem reunir algumas e sugerir que determinada prática possa estar se tornando mais freqüente. Nas chamadas reportagens de comportamento, o jornal não faz por menos: quer provar que descobriu um novo fenômeno sociocultural (...) a encrenca começa quando não há elementos para demonstrar a tese. Em vez de substituí-la por uma abordagem mais modesta, o jornal apela. De afirmações a cálculos de última hora, vale a pena dar um relato aparência de rigor científico.

No atual contexto, em que o capitalismo dita as regras da economia, tudo passa a ter seu valor mercadológico, inclusive a notícia. Mas notícia como mercadoria pode e deve ser tratada dentro dos princípios da conduta ética e profissional, tendo como objetivo, acima de tudo, oferecer boa qualidade de informação e satisfazer às necessidades de consumo dos leitores com um produto fidedigno.

Conforme Lopes (1989), a pesquisa para a confecção da pauta, a triagem na escolha das fontes que detenham dados mais precisos para melhor informar e orientar o leitor, a elaboração do texto claro, conciso, e a programação visual mais adequada para esses textos e ilustrações são passos decisivos para conscientizar o futuro jornalista em



sua função social, reforçando seu compromisso com a verdade e com os padrões éticos vigentes na profissão.

A consequência do monopólio dos meios de comunicação, da pressa inerente ao jornalismo, da briga acirrada e diária pela notícia exclusiva ou da guerra pela audiência, é que os jornalistas e seus padrões muitas vezes se afastam da conduta ética e oferecem ao público uma informação de má qualidade. No momento em que a lógica do espetáculo e do entretenimento contamina os veículos jornalísticos, em que as megafusões de empresas de comunicação aumentam como nunca o poder da mídia em todo o mundo há uma significativa perda de valores de cunho ético e jornalístico, entre o exercício da profissão e dos profissionais envolvidos no contexto.

Isso também é sugerido por Bertrand, (1999, p. 42):

Pode-se reservar o termo "moral" para a ética íntima de cada indivíduo, seu sentido de dever, fundados na sua visão pessoal do mundo, na sua experiência (...) As funções dos meios de comunicação em nosso mundo são indiscutivelmente importantes. (...) pode-se estabelecer um princípio: os meios de comunicação têm efeitos. O efeito que podem ter sobre as crianças é um dos assuntos mais estudados pelas ciências sociais, e não restam dúvidas: segundo seus conteúdos, causam efeitos bons e maus (...) A vocação primeira do profissional da mídia, quaisquer que sejam suas outras funções, é exercer a liberdade de comunicar e informar os homens de suas observações sobre o mundo à sua volta.

Porém, muitas vezes, a imprensa não tem liberdade para exercer sua função. A defesa da liberdade de imprensa certamente contribui para o fortalecimento das instituições democráticas no país. Esse é um trabalho incessante em favor da sociedade, sobretudo, que por ter direito constitucional à informação deve defender a imprensa livre e combater a impunidade dos crimes praticados contra profissionais e veículos de comunicação no Brasil.

Conforme Galvão, (1998, p. 32):

Mesmo que não se queira dogmatizar a compreensão sobre a liberdade, tem-se que buscar juízos aproximados, como a possibilidade de uma pessoa fazer suas próprias escolhas e colocá-las em execução (...) Ser livre é um direito natural que todo homem tem (...) Não se pode, porém, confundir a extensão ética da liberdade. Sou livre para fazer o que é bom, o que tem valor social. Livres, de acordo com Platão, são os homens que agem conforme a ética da razão. Fora disso há alienação e cativeiro.



A liberdade de imprensa é um bem da sociedade, antes mesmo de ser um direito de profissionais e de empresas ligadas a essa atividade e por sua própria natureza, exige mobilização constante, vigilância permanente e firme posicionamento diante de fatos que representam ameaça ou que efetivamente a atinjam. Esta é a liberdade que deve ser trabalhada na escola, pois só assim ela se constituirá num espaço realmente democrático e transformador.

3. O jornal escolar

O jornal foi um dos veículos de notícias mais importantes, no entanto, perdeu um pouco do seu *status*, pois como toda e qualquer tecnologia se transforma, e nesta área devemos essa transformação à televisão, pela simplicidade de ligá-la. Desse modo, o jornal impresso acabou ganhando um novo papel além de informar, o de discutir as notícias que já circularam nos telejornais. Mas este meio de comunicação de massa impresso, ainda tem grande relevância social, e é este ponto de vista que se deve mostrar para as nossas crianças.

No jornalismo processa-se a informação em escala industrial, para consumo imediato. Apesar disso, é passível de análise lingüística, pois sempre retrata um momento e um tipo de linguagem. O texto jornalístico dá ênfase aos conteúdos, preocupa-se com a informação.

Para Lage, (1993, p. 24):

O jornal por ser um produto de consumo, que disputa um determinado mercado, tenta satisfazer às necessidades de seus consumidores (leitores) trabalhando tanto conteúdo quanto forma. Entretanto, o elemento fundamental de um jornal, em torno do qual tudo gira, continua sendo a notícia.

Para o mesmo autor, do ponto de vista da estrutura, a notícia se define, no jornalismo moderno, como o relato de uma série de fatos a partir do mais importante ou interessante. Essa definição pode ser considerada por uma série de aspectos. Em primeiro lugar, indica que não se trata exatamente de narrar os acontecimentos, mas de expô-los.

Contrapondo esta idéia, afirma-se que notícia é a informação que se reveste de interesse jornalístico, puro registro dos fatos sem comentários, nem interpretações. A



equidade deve ser a marca registrada de cada notícia e a exatidão é o elemento chave, vários fatos, descritos com exatidão, podem ser justapostos e apresentados de maneira tendenciosa. Suprimir uma informação ou inseri-la pode alterar o significado da notícia. A definição do interesse jornalístico depende de critérios flexíveis que variam em função do tempo, lugar e tipo de publicação, etc.

A reconstrução da realidade pelo repórter representa a objetividade da notícia jornalística. Os eventos, com efeito, são percebidos pelo repórter que, além de selecionar apenas os aspectos que lhe parecem relevantes, deixando de fora outros, ainda projeta seus próprios significados conotativos sobre o evento. Ao escrever, a estrutura do discurso – isto é, a seqüência dos fatos reportados – introduz seu próprio estilo de linguagem. O resultado é um produto parcialmente denotativo e parcialmente conotativo, mas reconstruído.

A notícia trabalha fundamentalmente com informações e apresenta quase exclusivamente a função referencial (ou informativa) da linguagem. A intenção é transmitir ao leitor dados da realidade de uma forma direta e objetiva. O desafio do jornalismo fiel será ultrapassar as subjetividades conotativas.

No editorial, por exemplo, é o texto que reflete a opinião do jornal. Não vem assinado por nenhum jornalista, o que caracteriza que é de responsabilidade da Redação do jornal. Caracteriza-se por ser um texto dissertativo (tem, portanto força nos argumentos), no qual predomina a função referencial da linguagem.

Via de regra, o editorial busca refletir, demonstrar responsabilidade e equilíbrio porque expõe a imagem do jornal como um todo. Deve ser enfático sem ser estridente; ponderado sem ser pesado e desinteressante; que expresse pontos de vista de maneira aguda, sem tergiversar. Procura apresentar sucintamente a questão em pauta, desenvolve os argumentos propostos pelo jornal, refuta os argumentos contrários e finaliza expondo, de modo sintetizado, a posição adotada pelo jornal. Deverá evitar linguagem confusa e rebuscada; quando necessária recapitulação será breve e objetiva; reduzir ao máximo as ironias, interrogações e exclamações.

A publicação do jornal é uma ferramenta para a escola disseminar, no espaço ampliado do bairro e da comunidade, os valores e conhecimentos trabalhados em sala de aula. Essa inserção da informação na sociedade permite que a escola participe ativamente na formação dos consensos sociais, propiciando ainda a percepção crítica das mensagens dos meios de comunicação de massa.



Ao promover a função social da escrita, o jornal contribui com os processos de ensino-aprendizagem da escola. É um fato que a participação no jornal escolar constitui um fator de estímulo e motivação para os alunos, que têm suas opiniões e produções (textos, pesquisas e desenhos) valorizadas pela divulgação pública e que possivelmente serão alvo de críticas.

Além disso, reconstruir o processo de leitura, tanto de mundo como da escrita, transforma o educando em sujeito do mundo, capaz de modificá-lo positivamente. Vejamos em Marcondes, Menezes, Toshimitsu, (2003, p. 151):

Ler vários jornais propicia não apenas compreender a linguagem empregada, mas confrontar as informações. A notícia não é a mesma em todos os veículos. Alguns jornais omitem a informação, outros dão a entender a versão que desejam. Nesse sentido, o confronto entre os jornais de igual porte é um passo importante para a leitura deles. O objetivo é contrapor um jornal ao outro e sensibilizar o aluno para não acreditar deliberadamente em qualquer informação, sobretudo em dados, buscando ir além em suas leituras e fazendo perguntas sobre o que leu: se é verdade integral ou parcial (...). O professor deve acompanhar as leituras dos alunos para verificar a veracidade dos confrontos.

O jornal escolar é também um recurso didático cuja utilização em sala de aula permite desenvolver a capacidade de trabalho em grupo. Num outro plano, permite ainda que o trabalho dos professores da escola ganhe visibilidade e reconhecimento.

No livro “Como usar outras linguagens na sala de aula”, as autoras Marcondes, Menezes e Toshimitsu, ressaltam que antes de fazer uma correção gramatical ou sintática, é importante garantir que o aluno produza textos que circulem também socialmente.

Ainda para as mesmas autoras (2003, p. 19):

De modo geral, as transformações sofridas pelo jornal não lhe furtaram totalmente o caráter informativo, mas afetaram a maneira como os fatos são apresentados. As chamadas de primeira pagina costumam colocar em pauta os fatos já divulgados pela mídia televisiva. Além disso, para manter esse caráter noticioso, os jornais impressos acrescentaram notícias regionais, abrindo novo espaço. E foram criados cadernos especiais como: cultura, cinema e arte.

Então, as transformações sofridas pelo jornal não lhe furtaram totalmente o caráter informativo, mas afetaram a maneira como os fatos são apresentados. As



chamadas de primeira página costumam colocar em pauta os fatos já divulgados pela mídia televisiva. Além disso, para manter esse caráter noticioso, os jornais impressos acrescentaram notícias regionais, abrindo novo espaço. Assim sendo:

Essas alterações deixaram a estruturada notícia (quem, o quê, onde, quando, por quê) em segundo plano, pois, mais importante que o fato noticiado, costuma ser a opinião sobre ele e sua análise. Trabalhar com os textos opinativos do jornal, com a análise, bem como com as ideologias embutidas nas palavras do analista ou do editor parece ser o melhor caminho para a escola, já que põe em evidência o que há de importante nesse meio de comunicação (...) ler um jornal é também perceber se não houve tentativa de esconder uma verdade. Estar atento para essas transformações, elaborar perguntas sobre isso, é abordar com criticidade os meios de comunicação. (MARCONDES, MENEZES e TOSHIMITSU, 2003, p.20).

Nas séries do Ensino Fundamental, prepara-se o caminho para a compreensão dos recursos de comunicação. A percepção de intenções ou de finalidade de produção de textos, a exigência de interlocutores, de receptores passivos, de ideologias existentes no processo de comunicação da mídia serão absorvidos pelos alunos.

Além de se formar um aluno mais crítico, tem-se a preocupação de torná-lo informado, como foi publicado no jornal Estado de São Paulo em 23 de outubro de 1999, “o jovem de 12 a 20 anos está cada vez mais desinformado porque, progressivamente, lê menos, escuta menos rádio e assiste mais televisão, porém, dão preferência, nessa ordem, a filmes, programas de esporte, novelas e, só então, a telejornais”.

Ao lerem um jornal, os adolescentes, nesta faixa etária, devem ter o objetivo de conhecer jornais e encartes dirigidos a um público-alvo, conhecer a intenção de textos, mesmo que o aluno não seja leitor desses encartes, o que importa é que ele conheça as publicações como leitor crítico.

Considerando que o ponto de partida é o universo do jovem e sua própria bagagem cultural, é necessário um questionamento sobre a provável predileção dele. É importante ressaltar o que os alunos gostam de ler. Por exemplo, meninos preferem mais o assunto esporte, já as meninas gostam mais de história, mas ambos se divertem e passam o tempo com histórias em quadrinhos.

Em seguida, deve começar um trabalho para sistematizar o conhecimento de encartes e constatar semelhanças na linha editorial e no padrão das produções. O aluno



deve observar tudo que aparece no encarte, como: textos, imagens, atividade, propagandas. Enquanto um aluno lê, os outros devem anotar do que se trata.

Dessa forma, o aluno poderá fazer um contraste entre o que se espera e o que se encontra, a fim de tornar o leitor opinativo e crítico. Passando por esse processo, eles poderão dar sugestões aos encartes, o que poderia ser acrescentado ou, então, o que não há necessidade. É fundamental passar por esse processo para que o adolescente possa montar seu próprio encarte, ou seja, escolher onde vai a matéria, o desenho, a publicidade, etc. Depois de definido os espaços, deve-se começar a escrever a matéria, para depois fazer os desenhos, as escaneações, etc. e por último, vem a avaliação. É aconselhável que não se dê nota, mas verificar se houve progresso e ressaltar os aspectos positivos, como já foi citado antes no primeiro capítulo, quando se abordou sobre auto-estima, ou seja, a melhor solução seria transformar a pontuação em conceito.

Considerações Finais

O jornal escolar é uma proposta colaborativa para fortalecer o trabalho que os demais professores realizam na escola, numa perspectiva complementar. O ponto de partida é, portanto, incentivar o aluno a ter um censo crítico, frente às informações recebidas, e estabelecer uma parceria entre comunidade, família e escola, para elevar a sua auto-estima.

Segundo dados do Grupo Tver, os jovens no Brasil, de 12 a 20 anos, estão sem ler, sem ouvir rádio AM e sem assistir aos telejornais, continuando sua queda rumo à desinformação total. Portanto, cabe aos profissionais da comunicação mudar estes dados. Além disso, tem-se a obrigação de formar crianças com um interesse aguçado pela leitura e pelas notícias.

Um jornal escolar que visa à ética, a auto-estima e o censo crítico dos alunos vem sendo desenvolvido no Núcleo Habitacional Santa Bárbara, na Escola Maria Estadual Bandarra Wesphalen de Cruz Alta, em parceria com o Curso de Comunicação Social da Unicruz. O projeto Informativo Band.Com: Uma Prática Dialética ao Exercício da Cidadania, acontece desde junho de 2006. Nele, os alunos produzem um jornal mensal, onde são publicados seus trabalhos e atividades desenvolvidas na escola.

A organização deste se dá através de um cronograma de visitas semanais à comunidade escolar para a coleta de informações, de reuniões semanais para estudo, planejamento e avaliação parcial; da organização das tiragens mensais, inclusive dos



patrocinadores, já que o mesmo é auto-sustentável. Os resultados começaram a surgir, no que diz respeito ao envolvimento, participação, e a experiência adquirida pelo grupo executor, bem como a aceitação do público leitor.

No entanto, o mais importante é o interesse em produzir textos e desenhos que aumentaram sensivelmente, uma vez que os alunos têm a expectativa de que muitos serão publicados no Jornal da sua Escola. Essa escolha é feita pela equipe, de forma séria, ética e comprometida, levando em consideração o crescimento e envolvimento dos educandos e não apenas a qualidade do texto. Isso faz com que todos que escrevem, acabam tendo seus textos publicados pelo jornal da escola.

O jornal em sala de aula enriquece com diferentes assuntos e desenvolve um ambiente alfabetizador, concretiza o ato de ler e escrever, e principalmente estimula este desejo. Proporciona a socialização do saber, fazendo com que a criança pense sobre suas hipóteses e (pré)conceitos, apresentando desafios, problemas, questionamentos e diferentes visões e posicionamentos.

Referências Bibliográficas

A invenção da Sala de Aula. 1ª edição. 2002. Celso Antunes auto-estima óbvio demais

TIBA, Içami. Quem ama, educa!. Coleção Integração Relacional. Editora Gente. 2002.

SUCESSO, Edina Bom. Auto-estima e felicidade. 2004. Editora Qualitymark.

MARCONDES, Beatriz. MENEZES, Gilda. TOSHIMITSU, Thaís. Como usar outros linguagens na sala de aula. Editora Ensino Contexto. 2003.

PRETE, Renata Lo. Tendências sem debate. Folha de São Paulo. 5 de setembro de 1999.

LOPES, Dirceu Fernandes. Jornal laboratório, do exercício escolar ao compromisso com o público leitor. Volume 32. Summus Editorial. 1989.

BERTRAND, Claude-Jean. A deontologia das mídias. Editora da Universidade do Sagrado Coração. 1999.

GALVÃO, Antônio Mesquita. A crise da ética. O neoliberalismo como causa da exclusão social. 1998. Editora Vozes. 2ª edição.

Sites pesquisados:



<http://novaescola.abril.com.br/autoestima>

<http://www.clicfilhos.com.br/autoestimanadosecerta>

http://www.acordeduca.com.br/seminario/Textos/Mesa_Redonda